

Bonito, mas poderia ser muito mais

Mata ciliar do Rio Iguaçu vira endereço e interpretação de leis ambientais colocou em risco patrimônios já construídos

• Por Mariana Honesko e Jaqueline Castaldon •

Porto União, no Planalto Norte de Santa Catarina, poderia ter seu mapa bem diferente. Os traços só não foram oficialmente desenhados porque a teimosia foi vencida pela razão. Aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada pelo prefeito, uma legislação complementar decidiu apenas no mês de abril pela redução do tamanho da área de preservação permanente nas margens do Iguaçu. A discussão se arrastava há pelo menos 13 anos. Até então, técnicos da prefeitura defendiam a manutenção dos 200 metros de área nativa. A fiscalização, contudo, jamais ocorreu.

A metragem defendida é baseada nas já alteradas leis do Código Florestal de 1965. O texto define a extensão de preservação baseada na largura dos rios. Polêmica, a aplicação da lei em Porto União riscaria do mapa dezenas de imóveis, prédios, clubes de serviços e boates. Os sobreviventes escaparam apenas por serem mais velhos: obras concluídas antes de 1965 teriam a chance de continuar "vivos".

O restante ficaria refém dos limites: nem mesmo ampliações seriam aprovadas. Nas melhores hipóteses, a área não poderia mais ser explorada comercialmente. "Não tem lógica, não tem história, não tem nada. Para Porto União, a legislação deveria respeitar a história. Ela foi formada muito antes dessa legislação e ela (a Lei) poderia ter sido baseada nos costumes e não na necessidade de se mudar as coisas", defende o Engenheiro Florestal Roberto Pedro Bom.

A história, de fato, comprova que os danos às margens ocorreram já há muito tempo. A cidade, que nasceu da navegação e dos caminhos dos Tropeiros, tinha no Iguaçu sua fonte de renda, alimento e esperança de dias melhores. Registros fotográficos retratam margens com pouquíssimas árvores ou flora nativa. Na Guerra do Contestado, entre os anos de 1912 e 1916, o acampamento dos militares ficava justamente às margens nuas do rio. O tempo passou, os povoados foram se organizando e os primeiros empreendimentos saíram do papel. Clássicos, os imó-



• Caso fosse aplicada na cidade, área de preservação eliminaria tudo o que existe desde as margens do rio até a Rua 13 de Maio, no centro

veis surgiram à beira do rio e muitos ainda resistem. "Basta olhar para a extensão do rio e considerar o que isso representa apenas para Porto União. Se olhar apenas isso, as exigências se tornam insignificantes. Se nós analisarmos o que foi usado, aqui seria um percentual pequeno para afetar tanto o meio ambiente", avalia o historiador Aluizio Witiuk. De-

fensor do que está às margens do rio, mas também protetor da história, cujos primeiros passos saíram do Iguaçu, Witiuk aposta na convivência harmônica entre o homem e a natureza. "Se cada morador tiver a consciência de embelezar seus jardins, por exemplo, isso não causa agressão comprometida. A Lei deveria levar em consideração isso. O que pegamos ali? Não é uma área grande e mesmo assim, nem é tudo. Se cada morador tiver a consciência de que vai cuidar bem da cidade, não há problema nenhum", defende.

Inundações, pequenas e grandes cheias também fazem parte do contexto histórico da cidade. E é tam-

bém com harmonia que a maioria dos ribeirinhos enfrenta os períodos de chuva intensa. O ambientalista Dago Woehl, presidente da Comissão Regional Permanente de Prevenção contra Enchentes do Rio Iguaçu (SEC-Corpreri), defende justamente este comportamento. Segundo ele, especialmente desde a enchente de 1983, que popularizou Porto União e União da Vitória, pelo menos 25 alternativas de proteção foram estudadas e revisadas ao longo dos 30 anos. Parte das medidas funcionou, mas as cheias continuam deixando desabrigados. "A decisão de crescer para áreas livres de risco depende do poder público", atribui Woehl. A opi-



Arquivo/Pedro Bom

MATA CILIAR LONGE DOS RIOS

Manter a flora e fauna preservadas às margens do rio não é, essencialmente, um padrão. Países europeus adotaram outra prática de manejo. Na Alemanha, por exemplo, a mesma mata que no Brasil fica à beira dos rios, fica nas montanhas. Pedro Bom, que pesquisou o tema, trouxe das terras germânicas o exemplo. "Na Alemanha, o cuidado é com o lençol freático. Eles cuidam dessa água, que só depois vai para os rios. Aqui é diferente. A mata fica ao lado do rio para que estas raízes segurem o que pode poluí-los", compara. Para o engenheiro, a mata ciliar protege, mas nem tanto. Funcionalmente, na sua avaliação, ela seria indispensável nas áreas de plantio ou onde metais pesados são lançados nos rios com pouco tratamento.

• Casas construídas em áreas alagadiças sofreram com enchentes já em 1933